

ENTREVISTA

TEXTO PAULA TORRES DE CARVALHO
FOTOGRAFIA DAVID CLIFFORD

Isabel Leal

'NÃO HÁ INSTINTO MATERNAL'

A identidade sexual, o ser homem ou mulher, constrói-se como? A família, o ambiente em que se vive, influenciam essa construção de que forma? E as novas famílias? E os pais homossexuais? Isabel Leal, psicóloga que há anos estuda estas questões, opta por respostas que vão contra as ideias feitas. Por exemplo: o instinto materno é coisa que não existe. Aliás, a espécie humana é de uma grande "pelintrice do ponto de vista dos instintos".

A família ou o meio envolvente influenciam o processo pelo qual aprendemos a ser homens ou mulheres? A ideia feita é que sim, mas a psicóloga clínica Isabel Leal afirma que não há provas disso. E também contraria a corrente dominante quando afirma que não há instinto maternal. Ou quando garante que não há argumentos para defender que um homossexual não pode ser um bom pai, porque uma coisa é a conjugalidade e outra a parentalidade. Uma certeza: "Aquilo que construímos ao formar a nossa própria identidade alicerça-se na confiança, no conforto, no afecto... se construímos isso, construímos de certeza boas pessoas."

Como é que se processa a identificação sexual das pessoas? Como se aprende a ser homem ou a ser mulher?

Levantam-se aqui duas questões: os processos de identificação e a identidade. O ser de uma certa forma é feito através de um conjunto de processos onde existe a dimensão da identificação ao outro, mas existem também outros processos como a imitação... isso tem a ver com aspectos de aprendizagem, com a maneira como as pessoas adquirem o conhecimento. Por um lado, isso processa-se por aprendizagem, na relação com os outros, e, por outro lado, pelos próprios processos perceptivos, pela forma interna como as coisas funcionam.

Verifica-se que os bebés têm uma capacidade de aprendizagem tipo-esponja, absorvente. A maneira como captam o real é absolutamente extraordinária. A discussão clássica que se fazia, e que vem da psicanálise, tinha a ver com a interrogação sobre o momento da vida e o tipo de relação que as crianças precisavam de ter com as figuras parentais que lhes facilitasse a aquisição de um género (que, se quisermos, é o sexo psicologicamente orientado).

Esta questão tem uma conotação mais psicológica do que biológica. Mesmo nas raríssimas exceções dos hermafroditas há uma identidade

sexual construída. Eles são nomeados como rapazes ou raparigas e, por esse facto, acabam por ter essa identidade, como aliás demonstraram os estudos de Stoller — um autor americano que é uma das pessoas que mais estudou este fenómeno. Portanto, há uma questão que é o sexo biológico e outra questão que é o género social. E nós diferenciamos isto porque temos verificado que há pessoas que têm um determinado sexo biológico ao qual o género não corresponde. O limite é o caso dos transexuais, pessoas que nascem com um determinado sexo e que — a maioria desde a mais tenra idade — se assumem como pertencendo a outro sexo.

O aconteceu, o que se passou com essas pessoas? Sempre o mesmo. São nomeadas como pertencentes a outro sexo, isto no caso dos transexuais... dá a impressão que a construção da identidade se começa por fazer pela atribuição de género feita à criança por quem dela cuida. E que tem a ver com um conjunto de estereótipos sociais relacionados com ser cor-de-rosa ou azul, com dar um tipo de brinquedos ou outro... estereótipos que, na maioria, são perfeitamente inconscientes, as pessoas nem dão por isso. Portanto, há uma atribuição feita precocemente às crianças.

Há, portanto, uma forte influência do meio social na construção da identidade...

A questão é a maneira como somos homem ou mulher... não há razão nenhuma para as mulheres usarem cabelo comprido e os homens cabelo curto, ou para as mulheres se pintarem e os homens não... isso é perfeitamente arbitrário mas corresponde a formas de diferenciar os géneros e tem basicamente uma função social, só serve para isso. Ao longo da história do mundo sempre houve formas de distinguir os homens das mulheres (fico sempre a pensar se as diferenças entre eles não são já suficientemente grandes para ainda terem de se acentuar mais).

Há sempre categorias sociais que vão cair sobre categorias pessoais e acabamos por perceber as categorias sociais e não as pessoais.

A questão fundamental da construção da identidade é a relação com o outro. Se quiser, é um fenómeno de espelho. Mais do que isso... é a atribuição que o outro faz sobre o próprio.

Se uma pessoa pertencer a uma família em que toda a gente lhe diz que é burra, ou feia, ou gorda ou magra, dentro dela constrói-se a sensação de que é gorda, ou magra, ou feia independentemente do facto de o ser. Quanto mais pequenino se é, mais se absorve essa categoria, que é uma categoria que vem do exterior. É uma impressão muito arcaica. E, muitas vezes, o conhecimento posterior não chega para a transformar...

Essa concepção distancia-se do que diz a ▶

► **psicanálise, que evidencia a preponderância do papel da mãe em todo este processo...**

Não, não se distancia porque o Stoller é um psicanalista. Distancia-se é de uma psicanálise mais ortodoxa e mais tradicional.

A democratização da anticoncepção numa concepção eficaz é um fenómeno do nosso tempo que introduz uma ruptura espantosa. Ter filhos corresponde, hoje, no mundo ocidental, a um momento específico, seleccionado, investido de uma certa maneira e não, na esmagadora maioria dos casos, a um acaso. As pessoas têm filhos por muitas razões e algumas não correspondem a uma necessidade ou a um desejo delas naquele momento. Há mulheres que têm filhos por afirmação da sua capacidade feminina ou porque a pílula falhou, por desmazelo, porque os maridos as pressionam, porque está na altura. É o motivo mais frequente. Está na altura, é suposto. Não há uma razão que predomine... Pode dizer-se, isso sim, que existem três grandes eixos: as razões internas relacionadas com satisfação pessoal, as razões de parentalidade, de parentalidade simbólica que têm a ver com a ideia dos herdeiros, de constituir família, e depois há uma terceira situação relacionada com pressões externas que não estão ligadas nem à criança nem ao próprio.

Mas aquilo que é novo na história do mundo é o facto de as pessoas terem poucos filhos e no momento que querem. Isto para não falar das técnicas de reprodução medicamente assistidas.

E também das novas formas de organização familiar e do novo papel da mulher na sociedade...

Há de facto uma relação homem/mulher diferente, exactamente porque as mulheres deixaram de ficar presas à destinação biológica. (Não sei se o resultado do superinvestimento materno verificado numa determinada geração, foi grandioso... É discutível).

Uma das realidades emergentes que deve ser pensada é o facto de estar em perda uma distribuição sexual dos papéis e da relação. É uma questão nova, central. Há uma série de razões que justificam isto: a diferenciação das mulheres, o facto de poderem controlar o momento em que querem filhos, o facto de já não haver profissões masculinas e femininas. E se tem que ver com o papel sexual, acaba por ter a ver com o papel parental.

A teoria maternalista é uma força de expressão. Quando se encontra em autores consagrados da psicologia infantil, do desenvolvimento e da psicanálise a referência à mãe, à mãe, à mãe, encontra-se a mãe porque, em primeiro lugar, muitos autores são americanos... e os seus modelos — em que uma mulher que engravida é

Há mulheres que têm filhos por afirmação da sua capacidade feminina ou porque a pílula falhou, por desmazelo, porque os maridos as pressionam, porque está na altura. É o motivo mais frequente.

punida e tem de sair do emprego — não têm nada a ver com os nossos que são de protecção de algum modo à maternidade. Esses autores, quando dizem 'a mãe', é 'a mãe' ou 'substituto', não é a mãe biológica.

Isso não é assim interpretado...

Pois não. Mas o certo é que alguns dos autores que vêm do século XIX estão a falar de famílias burguesas em que os papéis sexuais e sociais eram completamente diferenciados. E a realidade é que vai havendo uma adaptação ao mundo em que se vive hoje.

'A mãe' não tem de ser a mulher mãe. É quem cuida, quem trata. 'A mãe' pode ser o pai, o prestador de cuidados e de afectos. A mãe, do ponto de vista psicológico, é um referencial de afecto e de segurança que pode não ser uma mulher, pode não ser a mãe biológica. Por exemplo, as mães adoptantes... antigamente havia as amas, eram elas que cuidavam e davam afecto. Havia as avós que cuidavam dos meninos e que eram a figura de referência.

Isto leva à questão do amor materno, do instinto materno...

Não há instinto materno. A Badinter escreveu longamente sobre o assunto em "L'Amour en Plus" e eu tenho 20 anos de clínica, 13 dos quais numa maternidade, faço supervisão das pessoas que trabalham nesta área, e toda a minha experiência vai no sentido em que não há instinto materno.

Porque diz isso?

Porque tem muito a ver com a questão cultural. O instinto deve ser percebido como padrão fixo de acção, ou seja comportamentos que se repetem sempre em indivíduos da mesma espécie. Varia de mulher para mulher e de cultura para cultura.

Nesse campo, o homem distingue-se dos outros animais?

O homem distingue-se completamente dos outros animais. A única coisa que todos os homens socializados fazem é criar cultura. Depois, cada um a faz à sua maneira. Somos uma pelintrice do ponto de vista dos instintos. Há sempre imensas excepções com padrões diferentes. O acto de comer, o acto sexual, o acto de dormir são comportamentos altamente ritualizados. E com investimentos simbólicos... Por exemplo, nós não comemos para nos ali- ►



► mentarmos. Comemos como actividade estética de convívio social.... Lá no fundo, terá um segmento de instinto que é a manutenção da sobrevivência, mas é lá no fundo...

Há mulheres que não devem ter filhos?

O problema aí é muito mais complicado. Como podemos saber quem é competente? Ninguém pode impedir uma mulher de engravidar. O que se tem de assegurar, do ponto de vista social, é a prestação dos cuidados que o bebé necessita. O caminho não é proibir as mulheres de terem filhos, não é fazer as laqueações tubárias por as mulheres não serem suficientemente boas, porque se não daqui a pouco estava em causa você porque é morena e eu porque sou loura..

Estamos todos muito preocupados com as atitudes dos pais que possam comprometer os filhos. Mas eu acho que devíamos quebrar este mecanismo de culpabilização dos pais. Estamos sempre a alimentar o mesmo ciclo vicioso: o ciclo da boa mãe. E o problema é que não temos garantia nenhuma de que, mesmo se ela actuar sempre correctamente, as coisas corram bem. Pode sempre haver problemas. Acho que não há vantagens em alimentar uma espécie de curso intensivo e pré-graduado de se ser pai com a convicção de que se as pessoas agirem de uma determinada forma vai tudo correr sempre bem. Não vale a pena alimentar esse mito porque há um conjunto de factores circunstanciais que podem impedir os pais de estarem disponíveis e as pessoas não podem ser culpadas destas coisas todas, senão a vida é insuportável.

Como é que estas novas formas de vida (das parentalidades) resultantes da evolução das sociedades modernas se reflectem no desenvolvimento das crianças?

Aquilo que nós sabemos é que não há uma relação tão directa entre a estrutura familiar e o desenvolvimento infantil. Por um lado, há uma certa tradição de dizermos 'as mães devem ser assim, as famílias devem ser assado'... porque isso é que propicia um bom desenvolvimento das crianças. Mas, por outro lado, temos a experiência empírica. Não é preciso recorrermos a estudos para percebermos que em famílias muito organizadas as crianças podem também ter muitos problemas de adaptação e dificuldades a vários níveis. O desenvolvimento das crianças é sempre multifactorial. Tem a ver com o próprio temperamento, com muitos aspectos da relação precoce. Antigamente não se investia muito nas crianças até elas estarem minimamente socializadas. Aquilo que a investigação prova é o contrário. Há sempre uma primeira impressão que acaba por ser predominante em relação a uma segunda ou a uma terceira...

Essa relação precoce também pode ser estabelecida com um homem, com o pai?

Por que não? O bebé não diferencia sexos, mas qualidade de cuidados.

E uma criança que vive apenas com um dos pais, numa família monoparental, cresce igualmente equilibrada?

Claro. O problema do desequilíbrio não tem que ver com nenhuma natureza humana obrigatória, nenhum padrão fixo de acção, mas com a qualidade de resposta que é dada aos miúdos quando começam a crescer e perguntam porque não têm um dos pais. E se sentem, por isso, diferentes das outras crianças.

Mas o facto de não ter por perto um modelo masculino, ou feminino, não interfere no tal processo da construção da identidade?

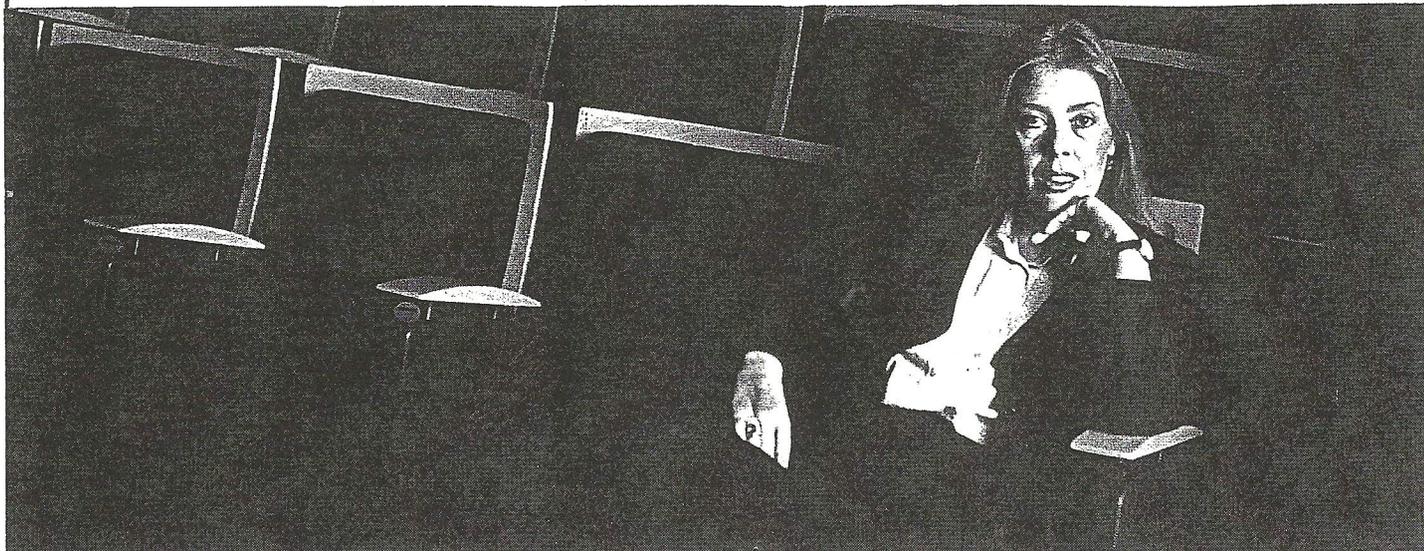
A identidade da criança constrói-se por um fenómeno de espelho, de reflexão, de atribuição. Depende mais da qualidade do discurso que é feito sobre a ausência do que propriamente sobre a ausência em si mesma. Somos do tempo em que os regimes monopolistas se extinguíram. Crescemos com a ideia de haver explicações universais e verificámos que não havia regras absolutas. O que é verdade numa circunstância não é na outra. O que quero dizer é que não se pode afirmar que uma criança que pertence numa família monoparental, por esse facto, é infeliz. Ela é infeliz se o discurso sobre o pai ausente for um discurso terrífico.

Somos de um país que teve os homens na guerra e, entretanto, nasciam bebés... A história do mundo é feita de homens ausentes. Os homens nunca estiveram, só passaram a estar a partir do século XIX. Até ao século XIX, vinham fazer filhos e iam-se embora. Iam a casa, não estavam em casa. O modelo de família que temos é do século XIX. Antigamente, os homens iam para as Cruzadas e ficavam lá dez anos. E no entanto, as crianças desenvolviam-se, criavam uma identidade. Por que é que o nosso modelo que, ainda por cima, tem um século, há-de ser melhor do que os outros? Penso que há diferentes possibilidades, há diferentes regras, há diferentes alternativas, e podem ter zonas boas e zonas más. |

* ISABEL LEAL, PROFESSORA DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA APLICADA E PRESIDENTE DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE PSICOLOGIA DA SAÚDE. TEM PRESTES A SAIR O LIVRO "PSICOLOGIA DA GRAVIDEZ E DA MATERNIDADE".

Não é preciso recorrermos a estudos para percebermos que em famílias muito organizadas as crianças podem também ter muitos problemas de adaptação e dificuldades a vários níveis.

“Um homossexual pode ser um excelente pai”



Que diz sobre o caso das crianças que vivem em famílias homossexuais?

Na maior parte das vezes, isso é uma falsa questão. A maior parte das vezes, as pessoas que têm uma orientação homossexual não fazem uma questão absoluta de adoptar crianças. Uma coisa é quererem ter o direito de o fazer, outra é fazerem-no de facto. Que eu saiba, ainda ninguém foi ao serviço de adopção dizer que é homossexual e quer adoptar uma criança. O que acontece é que os homossexuais, muitas vezes, já têm filhos. Se me perguntar o que é que acontece a esses filhos, nada de especial, o mesmo do que às outras crianças. Como é que eles integram a ideia de os pais serem homossexuais é uma questão perfeitamente individual. Nalguns casos integram bem, noutros integram mal.

Mas é preciso não esquecer que as pessoas homossexuais nascem de famílias heterossexuais. Da mesma maneira que não aprenderam a homossexualidade nas famílias heterossexuais, não há nenhuma razão para se achar que se uma pessoa vive numa família homossexual tem algum ‘handicap’ por esse facto.

Uma aquisição do nosso tempo é que uma coisa é a conjugalidade e outra a paternidade. Um homem pode ser um excelente marido e um péssimo pai. E inversamente pode ser um estupor de marido e um excelente pai. E nós temos um modelo em que a relação entre a conjugalidade e a parentalidade é tudo, o que é uma injustiça objectivamente, porque são dois fenómenos diferentes. Hoje em dia percebemos que uma coisa é a conjugalidade e outra a parentalidade. E, se levarmos isso às últimas consequências, um indivíduo homossexual pode ser um excelente pai, porque o que está em causa não é a forma de conjugalidade dele. Não temos argumentos para defender que um pai homossexual é um mau pai.

Mas uma criança pertencente a uma família homossexual cresce da mesma maneira do que as outras?

Da mesma maneira, de certeza que não. Mas conheço casos de pessoas com pais homossexuais que são normalíssimas.

E isso não dificulta, no futuro, os seus comportamentos sexuais?

Nos casos que conheço, não. São casos em que as pessoas eram heterossexuais e depois passaram a ser homossexuais. E sobreviveram. Não são desadequadas, não têm dificuldades específicas.

Acha que é mais um preconceito?

Acho, acho que é mais um preconceito do que outra coisa. Por mais abertos que sejamos, temos sempre dificuldade em perceber o que é diferente. Uma família homossexual está inserida no mundo, tem referência de figuras femininas, masculinas. As crianças têm sempre objectos de identificação vária, têm televisão, etc. As pessoas têm sempre uma identidade sexual. O que acontece é que, muitas vezes, temos o preconceito de que é melhor ter uma identidade sexual do que outra.... Então, a questão que se coloca é: enquanto sociedade somos capazes ou não de gerir essas diferenças? E somos capazes ou não de aceitar as crianças que nascem em contextos diferentes? Se as segregarmos, de certeza que vão ter problemas. Mas se não as segregarmos, como a identidade é uma necessidade concomitante ao desenvolvimento e o núcleo dessa identidade se estabelece antes da orientação sexual, então se essa aquisição for feita, estamos a discutir o quê?

Aquilo que construímos ao formar a nossa própria identidade alicerça-se na confiança, no conforto, no afecto... se construímos isso, construímos de certeza boas pessoas. Se depois as pessoas são homossexuais ou heterossexuais, problema delas. Temos é de ter esta perspectiva. ■